

- ***JOVENS FORA DA ESCOLA - ESTUDO SOBRE JOVENS E ADULTOS FORA DA ESCOLA, A PARTIR DE DADOS DA PESQUISA SOBRE PADRÕES DE VIDA – PPV/ IBGE – 1996/1997.***

I. INTRODUÇÃO -

Desde a década de 60 diversas pesquisas estabeleceram a desigualdade de acesso à educação entre os diversos grupos da população como um fato irrecusável do ponto de vista estatístico. Tendo em vista a prevalência das vantagens de background social no desempenho escolar dos alunos, a democratização do acesso parecia não fazer grande diferença. Tal idéia, além de desafiar os decisores de políticas públicas, motivou importantes esforços de investigação no sentido de explicar e conhecer melhor os fatores determinantes desses resultados, contribuindo para o desenvolvimento de inúmeras pesquisas em torno da questão do fracasso escolar segundo diferentes abordagens da relação educação e sociedade (Forquin, 1995). A partir da década de 80, num movimento de questionamento da perspectiva teórico empírica denominada grosso modo de “reprodutivista”, passam a realizar-se também estudos inspirados em abordagens interacionistas e etnográficas, procurando descobrir como a escola convertia desigualdades sociais em desigualdades escolares. Logo em seguida, assistimos a um movimento importante entre os pesquisadores da área¹ de penetrar também nos mistérios da socialização familiar e sua relação com os processos e trajetórias de escolarização da prole.

Nos últimos anos, também no Brasil têm-se ampliado a discussão sobre as relações entre famílias e escolas e diversas pesquisas recentes (Nogueira, 1998; Romanelli, 1995; Souza e Silva, 1999; Viana, 1998; Zago, 1994) têm trazido à tona elementos preciosos, de caráter sobretudo qualitativo, para uma melhor compreensão das relações das famílias com a escolarização de seus filhos. A maioria delas tem sido realizada através das escolas e algumas mais diretamente com as famílias, porém sua quase totalidade focaliza as crianças e jovens que estão freqüentando a escola. Dificilmente se investiga os que já não freqüentam

0 _____

¹ Sobretudo por parte dos pesquisadores de língua francesa: Lahire, Charlot, Zeroulou, Laurens, Montandon, Rochex, Terrail entre outros (cf. Forquin, 1995).

- estabelecimentos de ensino, inclusive pelas dificuldades de acesso a essa população, que se encontra, via de regra, dispersa em diferentes contextos sociais. Cabe salientar a importância de ampliar o conhecimento sobre estes jovens que poderiam ainda estar na escola angariando melhores condições para um ingresso mais qualificado no mundo do trabalho. Geralmente, essa população só é "trazida para a frente do cenário" quando se analisam estatísticas de violência (USP, 1999), indicadores de marginalização social ou ainda se denuncia o ciclo vicioso da pobreza em que vivem, sugerindo a importância da educação como caminho de superação destes problemas e resgate de sua cidadania.

A perspectiva do presente estudo é traçar um perfil da população jovem (adolescentes e adultos entre 15 e 25 anos) e respectivas famílias do ponto de vista de sua frequência à escola, buscando identificar alguns dos possíveis fatores que influenciariam muitos destes jovens a não se escolarizar ou a deixar de levar adiante seu processo de escolarização. O estudo se baseia na Pesquisa sobre Padrões de Vida, PPV/IBGE², que possibilita uma discussão detalhada das variáveis que dizem respeito ao desempenho escolar relacionando-as a outras que podem caracterizar seu contexto familiar ou ainda sua inserção no mundo do trabalho. Na tentativa de coletar e articular a quantidade e riqueza dos dados disponíveis foi realizado um exaustivo trabalho de construção de variáveis³ e utilizados diversos recortes sobre o universo investigado.

Espera-se contribuir para a compreensão das condições de possibilidade de uma maior "longevidade" educacional destes jovens, tendo em vista tanto seus direitos como cidadãos, como sua necessidade de maior capacitação para a inserção no mercado de trabalho. Na medida em que o processo de globalização aponta para a "centralidade do conhecimento" (Miranda, 1997), cresce também a preocupação com sua distribuição através do sistema

0 _____

² Esta pesquisa domiciliar foi realizada em 1996/1997 em 5.000 domicílios (19.409 pessoas) distribuídos em 10 regiões (metropolitanas e rurais) nos estados do Nordeste e Sudeste do Brasil, tendo sido colhidos dados mensalmente no período de um ano.

³ Agradeço especialmente à doutoranda da Engenharia Elétrica da PUC-Rio, Ana Cristina Oliveira, pelo apoio técnico na criação e margeamento das variáveis.

- educacional, apontando para a necessidade de ampliação do acesso e da duração da escolarização como condição de participação social e de cidadania (Silva, 1988).

• II. POPULAÇÃO ENTRE 15 A 25 ANOS SEGUNDO A FREQUÊNCIA À ESCOLA -

Dentre os entrevistados, 9.138 se encontravam na condição de filhos no momento da pesquisa⁴, dos quais 2.698 indivíduos ou 28,8% encontravam-se na faixa dos 15 aos 25 anos, podendo-se estimar que correspondam a 14.248.248 pessoas, das quais mais de seis milhões estavam fora da escola no momento da pesquisa, tendo mais de 10% jamais chegado a nela ingressar. Do total de jovens nessa faixa etária, 56,9% eram do sexo masculino e 43,1% do feminino. Em toda esta primeira parte do trabalho estaremos discutindo as características desta população subdividida em 3 grandes grupos: os que nunca freqüentaram a escola, os que freqüentam e os que já freqüentaram estabelecimentos de ensino mas dele já se haviam evadido no momento da pesquisa.

Embora diversos estudos apontem o aumento da cobertura escolar nas últimas décadas, pode-se observar (Quadros 1 e 2) que há um contingente expressivo de mais de meio milhão de jovens que nunca freqüentaram a escola (4,6% do total). Surpreende também o fato de que mais da metade deles está na faixa de 15 a 19 anos (53,5% do total dos que nunca freqüentaram), numa idade em que poderiam estar concluindo o Ensino Médio ou ingressando no Superior. Por outro lado, se poderia esperar que a maior concentração fosse entre os mais velhos, uma vez que estes poderiam não ter usufruído ainda da expansão da oferta educacional (Castro, 1998).

Quanto à localização por área e região geográfica, como se poderia esperar, os maiores contingentes dos que freqüentam encontram-se nas áreas urbanas (Quadro 3). Se os dados confirmam a prevalência da pior cobertura escolar no Nordeste Rural (mais do que o triplo do total dos 4,6% que nunca freqüentaram como mostra o Quadro 4), é no Sudeste Urbano que se encontra o segundo maior contingente dos que nunca freqüentaram. Portanto,

0 _____

⁴ Todas as estatísticas nos diversos quadros que se seguem foram obtidas utilizando peso, o que permitiu estimar os percentuais de cada variável para toda a população das regiões Nordeste e Sudeste do Brasil.

- embora diversos estudos (Castro 1998, Barros, 1999, Veiga Filho et al., 1998) apontem o Nordeste como tendo os piores indicadores educacionais do país, tampouco no Sudeste a situação está resolvida. O Quadro 4 confirma a importância da questão regional na determinação da frequência ou não à escola e impressiona especialmente pela pequena porcentagem dos que a frequentam no Sudeste Rural, menor inclusive do que no Nordeste Rural. Embora se pudesse supor melhores condições para a continuidade nos estudos no Sudeste, na verdade aí também se verifica um baixo grau de “retenção” dos jovens na escola, pelo menos na faixa etária estudada.

Do ponto de vista da relação entre a cor/raça e sexo com a frequência à escola (Quadros 5 e 6), fica patente a predominância dos não-brancos no grupo dos que nunca frequentaram, entre os quais superam os dois terços. De fato, os negros e pardos parecem ter menores chances de se escolarizar (quase 10% dos jovens negros ou pardos nunca chegam a ingressar no sistema educacional). Configura-se assim também nessa faixa etária a elevada disparidade por raça como atestam estudos anteriores (Barros, 1999) no caso de outras faixas. Os homens predominam em todos os grupos. Entretanto, eles estão sobre-representados (uma vez que correspondem a 56,9% do total) entre aqueles que nunca frequentaram e entre os que já interromperam sua escolarização. Entre os que abandonaram a escola, encontram-se proporcionalmente mais homens que mulheres (43,0% dos homens e 35,7% das mulheres). Confirma-se assim a tendência, já assinalada em outros estudos (Castro, 1998), de crescimento da participação das mulheres em todos os níveis de ensino, desenvolvendo carreiras escolares mais longas que os homens. O Quadro 7, entretanto, sugere que a questão do trabalho, embora certamente importante, não influencia de forma decisiva a frequência ou não à escola.

- ***Conhecendo as Famílias***

Como inúmeros estudos já têm demonstrado (Forquin, 1995; Bourdieu, 1994; entre outros), quanto maior a renda domiciliar maior a probabilidade de uma escolarização mais prolongada. Neste caso (Quadro 8) quase 80% dos que nunca frequentaram encontram-se nos 2 primeiros quintis de renda mais baixos enquanto mais de 80% dos que frequentam pertencem aos 3 quintis superiores de renda domiciliar. O Quadro 9 atesta que no último

- quintil apenas 29,2% dos jovens não freqüentam mais estabelecimentos de ensino, entre as famílias 20% mais pobres (primeiro quintil), 44,4% dos jovens já interromperam sua escolarização e, como se verá mais adiante, sem ter avançado muito em termos de nível de instrução.

Tanto para pais, como para as mães (Quadros 10 e 11), pode-se dizer que há como que uma “transmissão da herança escolar parental”: quanto mais baixo o nível de instrução dos pais, maiores os percentuais dos que estão fora da escola ou por nunca terem nela ingressado, ou por já terem dela se evadido. Enquanto que mais de 10% dos pais ou mães que nunca freqüentaram a escola têm filhos de 15 a 25 anos na mesma situação, mais de 80% dos pais ou mães com curso superior ou mais têm filhos nessa faixa etária que continuam estudando. Outro aspecto a ressaltar, indicado em outras pesquisas para as crianças na faixa da escolarização obrigatória (Veiga Filho et al., 1998) é o peso relativamente maior da escolaridade das mães sobre a continuidade da freqüência à escola dos filhos mesmo no caso dos jovens de 15 a 25 anos (Quadro 11). De fato, para as mães com 1º. Grau completo ou mais, mais de 80% dos filhos continuam seus estudos. Finalmente, parece interessante chamar a atenção para os pais e mães que cursaram o supletivo 1º. ou 2º. Grau, completando ainda que tardiamente sua escolarização, cujos filhos também parecem tender a permanecer mais tempo na escola. Essa dado poderia talvez sinalizar a transmissão de uma “herança” de esforço escolar dos pais para seus filhos.

Em termos das características dos arranjos familiares, apesar do predomínio das famílias formadas por casais com filhos com ou sem outros parentes convivendo no mesmo domicílio (mais de 50%), pode-se observar um número expressivo de arranjos monoparentais com ou sem parentes em todas as regiões e áreas, como já observado também em outros estudos (Corrêa, 1981; Goldani, 1994). No Nordeste Urbano 28,8% das famílias dos jovens de 15 a 25 anos são monoparentais vs. 23,8% no Sudeste Urbano. Vale lembrar, com assinalam outros autores (Bruschini & Ridenti, 1994; Montali, 1990), que a imensa maioria dos arranjos monoparentais correspondem a famílias chefiadas por mulheres, redundando amiúde na precarização das condições de sobrevivência do grupo que se reflete também na escolarização. Os arranjos monoparentais (Quadro 12)

- correspondem a apenas 22,9% da nossa população: verifica-se sua sub-representação entre os que continuam freqüentando a escola e sua sobre-representação entre os que já saíram. Tudo leva a crer que estes arranjos familiares tendem a não favorecer uma escolarização mais prolongada, possivelmente pela maior necessidade de incrementar a renda domiciliar com a que pode advir da entrada dos filhos no mercado de trabalho⁵. O Quadro 13 confirma que de fato o arranjo familiar não parece ter uma influência relevante no caso dos que nunca ingressaram na escola, mas se constitui num fator importante para a interrupção da escolarização.

O número de filhos (Quadro 14), aparentemente, só exerce uma influência significativa no sentido da interrupção do processo de escolarização, entre os jovens provenientes de famílias com 4 filhos ou mais, que se encontram majoritariamente nas áreas rurais. Vale ressaltar ainda, que nessas famílias se encontram as maiores probabilidades de não ingresso no sistema educacional: os dados disponíveis indicam que dentre os que nunca freqüentaram a escola, 86,5% dos homens e 68,0% das mulheres são trabalhadores rurais.

Certos aspectos da configuração familiar têm sido ainda pouco estudados, como a questão da posição do(a) filho(a) na fratria. Alguns estudos qualitativos (Souza e Silva, 1999) têm apontado para a possível relevância deste fator para uma melhor compreensão da relação entre o contexto familiar e a escolarização da prole. Com o intuito de explorar um pouco a questão no âmbito macro-social apreensível através dos dados da PPV, foi realizado um recorte para estudar as famílias com 3 ou mais filhos, que correspondiam a 61,3% do total. Dentre estas, mais da metade tinha 3 a 4 filhos convivendo no domicílio⁶. Como se poderia esperar (Quadro 15), os filhos mais novos parecem se beneficiar da expansão da oferta educacional verificada nos últimos anos, estando menos representados entre os que nunca freqüentaram estabelecimentos de ensino. Seguindo a mesma lógica porém, poderíamos supor que a eles se seguissem os filhos intermediários, no entanto aí verificamos que o

0 _____

⁵ Em sua pesquisa realizada a partir de dados do DIEESE referentes a região metropolitana da Grande São Paulo, Montali (1990) observa a pressão sofrida pelos filhos dessas famílias para procurar trabalho e colaborar ativamente para a garantia da sobrevivência ou de condições menos precárias de vida do grupo (op. cit. p. 63).

⁶ Considerou-se apenas os domicílios unifamiliares, que são ampla maioria (mais de 90%).

- segundo lugar cabe aos primogênitos, indicando um possível efeito da posição na fratria sobre sua probabilidade de ingresso no sistema escolar.

- ***Escolarização***

A caracterização do processo de escolarização será realizada através da discussão dos dados sobre o nível de escolaridade que atingiram com sucesso e em quantos anos de estudos ocorreu, para em seguida discutir como outras variáveis tais como a idade de ingresso na escola e o atraso escolar podem estar influenciando sua longevidade educacional.

No Quadro 16 pode-se verificar que quase dois terços dos jovens entre 15 e 25 anos só chegou a ingressar no 2º. ciclo do 1º. Grau e menos de 10% completaram antes de interromper sua escolarização. Apenas 1 em cada 6 conclui o Ensino Médio com aprovação antes de deixar a escola. Aparentemente pode-se supor que a evasão nessa faixa etária se explica mais pela maior importância ou peso da influência de outras necessidades ou variáveis sobre a decisão de não continuar na escola, do que como função da terminalidade de algum nível de instrução.

O Quadro 17 mostra a distribuição em termos de anos de estudos para a população que frequenta ou frequentou a escola, que é em média de 6,87 anos. Verifica-se ainda que o tempo de escolarização (Quadros 18 e 19) é bastante similar entre os que frequentam e os que já saíram, porém os resultados acadêmicos são muito diferentes, como já observado.

Alguns estudos (Veiga Filho et al., 1998) apontam o início tardio da escolarização como uma dos fatores que influenciariam o sucesso ou fracasso escolar. No caso da população jovem de 15 a 25 anos⁷ 73,4% iniciaram sua escolarização aos 7 anos, 10,7% com menos de 7 anos e 26,7% começaram a estudar com 8 anos ou mais, mostrando que a questão do ingresso tardio no sistema escolar não é absolutamente desprezível, especialmente se consideramos que 10,8% começaram a estudar com 10 anos ou mais. O Quadro 18 mostra que realmente quem começa mais cedo tende a alongar sua permanência na escola. Como a pesquisa efetua um recorte no tempo, os que começaram mais tarde tendem a ainda se

- encontrar na escola. Por outro lado, parece haver uma tendência dos que começam com atraso (8 anos) se evadir mais cedo.

A análise dos dados sobre o tempo de interrupção temporária da escolarização revelou que o que ocorre mais frequentemente é uma interrupção definitiva mais ou menos precoce e não uma evasão temporária. De fato, 85,6% da população investigada não chegou a interromper temporariamente seus estudos. Contrariamente ao que se poderia esperar (Quadro 20) mais de 70% dos jovens que possuem 3 ou mais anos de atraso continuam frequentando a escola, demonstrando a persistência do esforço por alcançar um nível de instrução maior e superar o fracasso escolar anterior. Restaria indagar até que ponto as escolas e os profissionais da educação consideram tal esforço e o valorizam. É possível que programas de aceleração da aprendizagem como os iniciados em alguns municípios (Castro, 1998) encontrem entre esses jovens um interesse expressivo, que pode - com o devido apoio - se transformar em resultados acadêmicos promissores.

•

• **III. JOVENS DE 15 A 25 ANOS QUE DEIXARAM DE FREQUENTAR A ESCOLA**

Os dados da PPV permitem estimá-los em quase 6 milhões de indivíduos (5.674.468) ou 39,8% do total. Entre eles são as mulheres e os brancos que possuem mais anos de estudo. Embora a distribuição do ponto de vista da cor/raça seja razoavelmente equitativa entre os que possuem 4 a 8 anos de escolarização, há um claro predomínio dos não-brancos entre os que possuem menor número de anos de estudo (34,1% vs. 15,0%) e dos brancos entre os que estudaram por 12 anos ou mais (6,1% vs. 0,4%).

Com o objetivo de desenhar um perfil das trajetórias escolares mais comuns entre os que já saíram da escola foi construída uma variável que articula o nível de escolaridade final concluído com aprovação e o número de anos de atraso no processo de escolarização considerando o tempo gasto no mesmo e a série que teria sido alcançada caso não houvesse repetência (Quadro 21). Agregando as trajetórias pela existência ou não de atraso escolar,

0 _____

⁷ Neste caso nos referimos a toda a população nessa faixa etária, incluindo os que seguem frequentando a escola.

- encontramos que pouco mais da metade delas registram 1 ou mais anos de atraso, localizado sobretudo no Ensino Básico ou 1º. Grau. Considerando que a grande maioria dos que já não estão na escola, sequer chegou a completar o Ensino Básico, como já assinalado anteriormente, confirma-se o verdadeiro “funil” educacional que marca a educação brasileira há tantos anos configurado pelo atraso escolar nos níveis inferiores de instrução. Dentre as trajetórias mais comuns ou típicas (que concentram cada uma mais de 10% da população investigada) podemos identificar 2 no 1º. Grau (1º. Ciclo e 2º. Ciclo) com atraso de 1 ou mais anos e apenas uma sem atraso no 2º. Grau. Exceto neste último nível, em todos os demais, os percentuais dos jovens com 1 ou mais anos de atraso diferem pouco dos sem atraso, superando-os nos níveis mais baixos de instrução (até o 2º. Ciclo do 1º. Grau incompleto). O Ensino Médio ou 2º. Grau concentraria assim o produto de uma seleção anterior que reuniria condições “acumuladas” de maior sucesso escolar.

A maioria dos que iniciam sua escolarização com algum atraso (8 anos ou mais no Quadro 22) abandonam a escola antes de conseguir completar o 1º. Grau, enquanto que no caso dos que começaram a freqüentar a escola com até 7 anos mais da metade ultrapassa este nível de instrução. Em particular, cabe assinalar que o grupo dos que ingressam na escola com menos de 7 anos é o que vai mais longe em termos de nível final de instrução, chegando pelo menos 1 em cada 7 até o Ensino Superior. Embora as mulheres predominem entre os que ingressam na escola antes dos 7 anos (11,6% vs. 5,3%), nas demais idades de ingresso, a questão do gênero não chega a ter um impacto muito significativo.

• *As Famílias de Quem Já Saiu da Escola*

85% de pais e mães que não chegaram a completar o primeiro grau, caracterizam um ambiente familiar de baixa instrução para grande maioria desses jovens. Analisando os dados sobre ocupação dos pais e mães, verificamos que a mesma porcentagem dos pais e mães que trabalhavam no momento das entrevistas, o faziam em ocupações manuais⁸.

0 _____

⁸ Por ocupações manuais compreende-se as categorizadas por Hasenbalg e Silva como manual em indústria moderna, manual em indústria tradicional, manual no setor terciário, ambulantes, serviços domésticos e trabalhadores rurais.

- A relação entre tipos de arranjo familiar e a quantidade de anos de estudos (Quadro 24) parece indicar que o impacto do arranjo familiar sobre o tempo de escolarização no caso dos que já deixaram a escola é pouco importante. Em relação a posição do(a) filho(a) na fratria. Foi realizado um recorte incluindo apenas famílias com 3 ou mais filhos que já freqüentaram e não mais freqüentam a escola. Nos níveis mais baixos de escolaridade os percentuais relativos a filhos intermediários são superiores aos dos filhos mais novos e primogênitos (Quadro 25). Entretanto, a partir do 2º. Grau se acentua o predomínio de primogênitos, seguidos pelos filhos mais novos, em detrimento dos intermediários. Tal fato poderia indicar uma tendência das famílias a priorizarem a escolarização mais longa dos filhos mais velhos, possivelmente mobilizando uma quantidade maior dos recursos disponíveis para garanti-la. Aparentemente a “*equação de custo/risco/benefício-mais-útil*” indicada por Piôto (1998) para o caso das famílias com renda limitada⁹, se verificaria mais provavelmente favorecendo os primogênitos.

- **Gênero**

Quanto a questão do gênero, o primeiro dado que chama a atenção (Quadro 26) é que saem cinco vezes mais homens que mulheres sem ter logrado completar nenhuma série, mostrando que o nível de escolaridade atingido pelas mulheres antes de deixar o sistema escolar é quase sempre superior ao dos homens. De fato, a partir do Ensino Médio as mulheres incrementam progressivamente sua diferença relativa em termos da qualificação escolar em relação aos homens, inclusive no Ensino Superior.

Também no que se refere ao desempenho escolar, as mulheres parecem se sobressair (Quadro 27), reforçando as constatações já assinaladas sobre a escolaridade das mulheres, mostrando que além de terem uma escolarização mais longa, ela é mais elevada em termos de instrução final obtida e realizada com um índice inferior de fracasso que os homens, especialmente no caso das que nessa faixa etária já saíram da escola.

0 _____

⁹ Segundo o autor, tais famílias investiriam mais em alguns filhos que em outros segundo a probabilidade de retorno de seu esforço.

- *Motivos para Deixar a Escola*

Cruzando as razões pelas quais os respondentes não freqüentavam mais estabelecimentos de ensino com a variável gênero (Quadro 28) é interessante notar que o principal motivo tanto para os homens como para as mulheres é a falta de interesse, que se somada à resposta “outros” corresponde a quase a metade dos homens e mulheres, indicando a importância de se aprofundar a discussão sobre tais respostas ou articulá-las a outras variáveis com o intuito de melhor explorar sua compreensão.

No caso dos homens, mais de um terço alega como motivo o trabalho. O percentual sobe para quase a metade se a essa resposta agregarmos a que indica “dificuldades financeiras” como motivo (que provavelmente induziria a busca de trabalho pelo menos). Configura-se então a dificuldade de conciliação entre a sobrevivência garantida através do trabalho (ou da procura dele) e a continuidade dos estudos.

Pode-se ainda arriscar a hipótese de que as exigências do mercado de trabalho não apenas sejam pouco compatíveis com o estudo, como também que a inserção nele articulada ao pouco sucesso educacional da maioria (em termos de nível de escolaridade alcançado com aprovação) amplie a decepção com o que a escolarização pode oferecer como perspectiva de melhoria de condição de vida, articulando-se então com a resposta “não tem interesse”. Considerando então que quase 80% dos jovens do sexo masculino nessa faixa etária trabalha em ocupações manuais, nas quais muitas vezes a exigência de maior nível educacional é muito pequena, não parece estranha sua tendência a desinteressar-se pelos estudos e interrompê-los.

Entre as mulheres, entretanto, 49,4% trabalham em ocupações não-manuais, o que a princípio, além de se coadunar com dados anteriores que indicavam um maior nível educacional delas, também as poderia estimular a seguir mais adiante nos estudos. É interessante notar que para quase 10% delas são motivos estruturais (falta de vaga ou de estabelecimento) que explicam a interrupção da escolarização. Buscando investigar um pouco mais o elevado número de respostas dando como motivos “não tem interesse” ou “outros” no caso das mulheres, optou-se por cruzar esta variável com a ocorrência ou não de gravidez. De fato, 85,6% das jovens que já haviam engravidado alguma vez (7,4% do

- total) optaram por estas respostas, dando conta das dificuldades adicionais que a maternidade pode trazer no percurso da trajetória escolar. Cruzando ainda a questão sobre a ocorrência o não de gravidez com a frequência à escola e o nível de instrução, verifica-se que 78,9% das jovens que já estiveram grávidas já haviam deixado a escola, sendo que 57,6% delas sem ter concluído o ensino básico ou 1º. Grau.

• **IV. ABRINDO PISTAS PARA INVESTIGAR À GUIA DE CONCLUSÃO -**

À guisa de conclusão, seguem-se algumas pistas que poderão inspirar posteriores perspectivas de investigação a partir deste estudo exploratório:

- A população masculina e não branca está sobre-representada no grupo dos que nunca frequentaram a escola e confirmam-se as disparidades raciais apontadas em outros estudos já citados quanto ao ingresso na escola. Os jovens negros ou pardos pareceriam portanto enfrentar, desde o início de sua inserção em nossa sociedade, um handicap negativo com vistas a sua integração no sistema educacional. Observa-se além disso um predomínio dos não-brancos entre os que possuem menor número de anos de estudo e dos brancos na situação inversa, ou seja, mesmo para aqueles que conseguem ingressar no sistema, as desigualdades segundo a cor/raça parecem persistir.
- Entre as mulheres nessa faixa etária, por outro lado, pareceria existir a tendência a desenvolver trajetórias escolares mais longas e com maior probabilidade de sucesso. As jovens de 15 a 25 anos estariam ingressando mais cedo no sistema, ficariam mais tempo na escola, atingiriam níveis mais altos de instrução e acumulariam menos atrasos na sua escolarização. Considerando estes resultados, parece interessante aprofundar que condições sociais e culturais também estariam influenciando esse tipo de trajetória escolar feminina. Além disso também se poderia levantar algumas hipóteses sobre o impacto social e cultural que essas trajetórias podem vir a ter nas relações de gênero (inclusive na família) e no mercado de trabalho a longo prazo, na medida em que se mantenham as tendências atuais de incremento de seu nível cultural (via escola).

- - Do ponto de vista da origem familiar, o estudo confirmou a tendência da “transmissão da herança escolar parental” apontada na literatura sobre desigualdades sociais no Brasil com uma relação quase paradigmática no caso dos que nunca freqüentaram a escola. Mais de um quarto dos pais ou mães que nunca chegaram a entrar na escola teriam filhos na mesma situação!
- Em termos dos arranjos familiares, o estudo indicou que os monoparentais tenderiam a não favorecer uma escolarização mais prolongada da prole, possivelmente pela precariedade freqüente de suas condições de sobrevivência familiar e conseqüente maior relevância da entrada dos filhos no mercado de trabalho.
- Embora tanto os que já freqüentaram como os que ainda freqüentam possuam tempos de escolarização semelhantes, poder-se-ia afirmar que seus resultados acadêmicos são bastante diferentes. De fato, aqueles que já saíram da escola o fazem majoritariamente com níveis de instrução equivalentes apenas ao primeiro grau e entre os que seguem encontramos um número maior em níveis mais elevados de ensino, tendendo a inserir-se no mercado de trabalho sobretudo em ocupações manuais (quase 80%), particularmente entre os homens. Aqui, mais uma vez, o viés de gênero parece trazer alguma diferenças consideráveis, uma vez que entre as mulheres que já não freqüentam, coerentemente com seu nível de instrução mais alto (que no caso das que saem tendo concluído o curso superior chega a ser três vezes superior ao dos homens), estão bem representadas entre as profissões não-manuais (quase 50%).
- No que diz respeito ao atraso no início da escolarização, observou-se que os que começam com atraso (8 anos ou mais) tenderiam a se evadir mais cedo. No sentido oposto, os cruzamentos com a idade em que se inicia a escolarização pareceriam mostrar que realmente quem começa mais cedo tende a alongar sua permanência na escola. Seria importante investigar posteriormente as razões que determinam o ingresso tardio e até que ponto elas poderiam se relacionar com a evasão posterior.
- Contradizendo as expectativas que tínhamos (supondo que o fracasso escolar pudesse atuar como fator de desmotivação para a continuidade dos estudos), o atraso na escolarização não parece influenciar muito na interrupção dos estudos. É ainda notável a

- persistência do esforço de muitos (com 3 ou mais anos de atraso por exemplo) em alcançar um nível de instrução maior e superar o fracasso escolar anterior, que se traduz na sua permanência no sistema educacional mesmo avançando muito lentamente na escolarização. Este fato poderia alertar tanto decisores de políticas públicas como profissionais da educação no sentido da valorização desse interesse, criando condições para que se materialize em efetivo aumento da escolaridade.
- Entre os que já saíram da escola, as trajetórias mais comuns ou típicas (que concentram cada uma mais de 10% da população investigada) encontram-se no 1º. Grau (duas delas) e apresentam atraso de 1 ou mais anos. A única trajetória escolar que poderia ser considerada “típica” neste grupo e que não registra atraso é a dos que completaram o Ensino Médio.
- No que diz respeito aos motivos para a não freqüência à escola dos que interromperam sua escolarização, tudo leva a crer que aqueles maioritariamente expressados pelos interrogados - vinculados ao trabalho - se combinariam com outros, como por exemplo o que indica dificuldades financeiras, que poderiam ser o principal motor para a busca de trabalho. Também nessa questão a variável gênero pareceria fazer diferença. Considerando as nítidas disparidades de nível de instrução e ocupação do ponto de vista do sexo, se poderia inferir que, além das dificuldades de conciliação entre trabalho e estudo, a motivação para continuar os estudos poderia ser influenciada pelo próprio tipo de inserção ocupacional do(a) jovem. Seria razoável supor que quanto mais exerçam ocupações de tipo manual, menos exigentes, via de regra, em termos de escolaridade, menor interesse tenham em seguir freqüentando a escola. No caso das mulheres, os cruzamentos realizados pareceriam sugerir a pertinência de também considerar a ocorrência ou não de gravidez como fator que dificulta a continuidade nos estudos.
-
-

• . **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

BARROS, Ricardo Paes, FIRPO, Sérgio & MENDONÇA, Rosane. *Desempenho educacional brasileiro: uma avaliação do ensino fundamental*. IPEA - Rio de Janeiro, 1999 - mimeo.

BOURDIEU, Pierre. *As contradições da herança*. In: NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio (org.) *Escritos de Educação*. Petrópolis/RJ, Vozes, 1998, p. 229-237.

_____. *Esboço de uma teoria da prática*. In: ORTIZ, Renato (org.) *Pierre Bourdieu - Sociologia*. São Paulo, Ática, 1994, 2ª. edição, p. 46-81.

_____. *Futuro de classe e causalidade do provável*. In: NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, A. (org.) *Escritos de Educação*. Petrópolis/RJ, Vozes, 1998, p. 81-126.

_____. *Gostos de Classe e Estilos de Vida*. In: ORTIZ, Renato (org.) *Pierre Bourdieu - Sociologia*. São Paulo, Ática, 1994, 2ª. edição, p. 82-121.

_____. *La Distinction - critique sociale du jugement*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1979.

BRANDÃO, Z., BAETA, A. M. & ROCHA, A.D. (1986) *Evasão e repetência no Brasil: a Escola em Questão*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 2ª edição.

BRUSCHINI, Cristina & RIDENTI, Sandra. *Família, Casa e Trabalho*. In: *Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas*, São Paulo, n.88, fev.1994, p. 30-36.

CASTRO, Maria Helena G. *Avaliação do Sistema Educacional Brasileiro – Balanço e Perspectivas* - Texto apresentado no Seminário "Um Modelo de Educação para o Século XXI" - INAE/Fórum Nacional - Rio de Janeiro, ago/1998 (mimeo)

CONNELL, R.W.; ASHENDEN, D.J.; KESSLER, S. & DOWSETT, G.W. *Estabelecendo a Diferença: Escolas, Famílias e Divisão Social*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995, 7ª ed.

CORRÊA, Mariza. *Repensando a família patriarcal brasileira*. In: *Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas*. n. 37, maio 1981, p. 5-16.

D'ÁVILA, José Luis Piôto. *Trajatória escolar: investimento familiar e determinação de classe*. In: *Educação & Sociedade*, Ano XIX, no. 62, abril/98, p. 31-61.

DUBAR, Claude. *Trajórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos*. In: *Educação & Sociedade*, Ano XIX, no. 62, abril/98, p. 13-30.

FILHO, Álvaro L. Veiga; FRANCO, C.; FERNANDES, C.; SZTAJN, P & BRANDÃO, Z. *O Perfil do Estudante Brasileiro - um estudo a partir dos dados do SAEB 97*. PUC-Rio, 1998, mimeo.

FORQUIN, Jean Claude (org.) *Sociologia da Educação – dez anos de pesquisa*. Petrópolis, Vozes, 1995.

GOLDANI, Ana Maria. *As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas*. In: *Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas*. n. 91, novembro 1994, p. 7-22.

- KELLER, Sheilah R. de O. & SCHWARTZ, Sanio. *Fatores familiares e desempenho escolar - estudo preliminar*. In: Revista da Faculdade de Educação - UFF. n.1, Ano 12, Jan./Jul. 1985, p. 34-52.
- MARTINS, Carlos Benedito. A Pluralidade dos mundos e das condutas sociais: a contribuição de Bourdieu para a sociologia da educação. In: Em Aberto, Brasília, Ano 9, n. 46, Abr.- Jun. 1990, p. 59-72.
- MIRANDA, Marília Gouveia de. “*Novo paradigma de conhecimento e políticas educacionais na América Latina*” In: Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, no. 100, p. 37-48, mar. 1997.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. “*Produção, conhecimento e educação: a conexão que falta*” In: Educação & Sociedade, no. 31, p.79-90, dez. 1988.
- MONATLI, Lília. *Arranjos Familiares: O Esforço coletivo para viver na Grande São Paulo*. In: Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, São Paulo, (72): 58-69, fev. 1990.
- NOGUEIRA, M.A. *Trajetórias escolares, estratégias culturais e classes sociais*. In: Teoria&Educação, 3:89-112, 1991.
- _____. *Famílias de camadas médias e a escola: base preliminares para um objeto em construção*. In: Educação & Realidade, V.1, no. 20, Jan./Jun. 1995, p. 9-25.
- _____ & CATANI, A. *Uma sociologia da produção do mundo cultural e escolar* In: NOGUEIRA, M.A. & CATANI, A. (org.) Escritos de Educação. Petrópolis/RJ, Vozes, 1998, p.7-15.
- PENIN, Sônia Terezinha de Souza. *Educação básica: a construção do sucesso escolar*. Em Aberto - INEP, no. 53, Ano 11, Jan./Mar. 1992, p. 3-12.
- SOUZA e SILVA, Jailson. *Por que uns e não outros? Caminhada de estudantes da Maré para a universidade*. Tese de Doutorado em Educação - PUC-Rio, 1999.
- USP - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – NÚCLEO DE ESTUDOS DA VIOLÊNCIA/NEV. *O Adolescente na Criminalidade Urbana em São Paulo*, 1999.
- VIANA, Maria José Braga. *Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade*. Tese de Doutorado em Educação - FAE/UFMG, 1998.
- ZAGO, N. (1994) *Relação escola-família: elementos de reflexão para um objeto de estudo em construção*. In: Sociologia da Educação (trabalhos apresentados no GT Sociologia da Educação da ANPEd) Porto Alegre: p.146-156.

• **JOVENS FORA DA ESCOLA – ANEXOS**

• **QUADROS ESTATÍSTICOS COM BASE NOS DADOS DA PPV/IBGE - 1996/1997**

• **POPULAÇÃO DE 15 A 25 ANOS**

QUADRO 1

IDADES	NUNCA FREQUENTOU	FREQUENTA	JÁ FREQUENTOU E NÃO FREQUENTA	TOTAL
15 a 19	2,5%	43,8%	17,3%	63,6%
20 a 25	2,1%	11,7%	22,5%	36,4%
TOTAL	4,6%	55,6%	39,8%	100,0%

QUADRO 2

IDADES	NUNCA FREQUENTOU	FREQUENTA	JÁ FREQUENTOU E NÃO FREQUENTA
15 a 19	53,5%	78,9%	43,5%
20 a 25	46,5%	21,1%	56,5%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%

QUADRO 3

REGIÃO E ÁREA	NUNCA FREQUENTOU	FREQUENTA	JÁ FREQUENTOU E NÃO FREQUENTA
NE Urbano	19,9%	26,4%	21,5%
NE Rural	49,5%	12,3%	15,8%
SE Urbano	25,8%	57,5%	53,1%
SE Rural	4,9%	3,8%	9,6%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%

QUADRO 4

REGIÃO E ÁREA	NUNCA FREQUENTOU	FREQUENTA	JÁ FREQUENTOU E NÃO FREQUENTA	TOTAL
NE Urbano	3,8%	60,8%	35,5%	100,0%
NE Rural	14,8%	44,4%	40,9%	100,0%
SE Urbano	2,2%	58,9%	38,9%	100,0%
SE Rural	3,6%	34,2%	62,2%	100,0%

0

QUADRO 5

SEXO	NUNCA FREQUENTOU	FREQUENTA	JÁ FREQUENTOU E NÃO FREQUENTA
Homens	78,4%	51,9%	61,4%
Mulheres	21,6%	48,1%	38,6%
COR			
Branca	28,8%	56,0%	51,2%
Não-Branca ¹⁰	71,2%	42,8%	48,7%
Outra	-	1,3%	6,5%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%

QUADRO 6

SEXO	NUNCA FREQUENTOU	FREQUENTA	JÁ FREQUENTOU E NÃO FREQUENTA	TOTAL
Homens	6,3%	50,7%	43,0%	100,0%
Mulheres	2,3%	62,0%	35,7%	100,0%
COR				
Branca	2,5%	58,9%	38,6%	100,0%
Não-Branca	7,0%	51,2%	41,8%	100,0%

0

¹⁰ Na categoria não-brancos foram reunidos negros e pardos.

Outra	-	93,5%	6,5%	100,0%
--------------	---	-------	------	---------------

QUADRO 7

TRABALHO NOS ÚLTIMOS 7 DIAS?	NUNCA FREQUENTOU	FREQUENTA	JÁ FREQUENTOU E NÃO FREQUENTA	TOTAL
Sim	4,6%	43,0%	52,4%	100,0%
Não	3,1%	45,5%	51,4%	100,0%

QUADRO 8

QUINTIS DE RENDA DOMICILIAR	NUNCA FREQUENTOU	FREQUENTA	JÁ FREQUENTOU E NÃO FREQUENTA
1º	45,6%	13,7%	20,6%
2º	31,9%	18,9%	24,3%
3º	17,2%	19,8%	21,7%
4º	5,3%	22,0%	17,9%
5º	-	25,5%	15,5%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%

QUADRO 9

QUINTIS DE RENDA DOMICILIAR	NUNCA FREQUENTOU	FREQUENTA	JÁ FREQUENTOU E NÃO FREQUENTA	TOTAL
1º	12,1%	43,6%	44,4%	100,0%
2º	7,0%	49,8%	43,3%	100,0%
3º	4,0%	55,1%	40,9%	100,0%
4º	1,3%	63,7%	35,0%	100,0%
5º	-	70,8%	29,2%	100,0%

0

1

QUADRO 10

ESCOLARIDADE FINAL DO PAI	NUNCA FREQUENTOU	FREQUENTA	JÁ FREQUENTOU E NÃO FREQUENTA	TOTAL
Nunca Frequentou a Escola	0 11,4%	0 38,2%	0 50,4%	0 100,0%
Nenhuma Série Completa	1 6,4%	1 51,6%	1 42,0%	1 100,0%
1º. Grau Incompleto	2 1,9%	2 58,8%	2 39,3%	2 100,0%
Médio 1 ou 2º. Ciclo do 1º. Grau	3 1,1%	3 67,4%	3 31,5%	3 100,0%
Médio 2 ou 2º. Grau Incompleto	4 -	4 66,9%	4 33,1%	4 100,0%
Médio 2 ou 2º. Grau (incluindo vestibular)	5 -	5 78,1 %	5 21,9 %	5 100,0%
Supletivo 1º. & 2º. Graus	6 9,0%	6 81,2%	6 9,8%	6 100,0%
Superior ou mais	7 -	7 82,7%	7 17,3%	7 100,0%

0

1

QUADRO 11

ESCOLARIDADE FINAL DA MÃE	NUNCA FREQUENTOU	FREQUENTA	JÁ FREQUENTOU E NÃO FREQUENTA	TOTAL
Nunca frequentou a escola	0 13,8%	0 37,4%	0 48,7%	0 100,0%
Nenhuma Série Completa	1 0,4%	1 54,3%	1 45,3%	1 100,0%
1º. Grau Incompleto	2 2,7 %	2 56,4%	2 40,9%	2 100,0%
Médio 1 ou 2º. Ciclo do 1º. Grau	3 -	3 75,4%	3 24,6%	3 100,0%
Médio 2 ou 2º. Grau Incompleto	4 -	4 81,9%	4 18,1%	4 100,0%
Médio 2 ou 2º. Grau (incluindo vestibular)	5 -	5 89,3%	5 10,7%	5 100,0%
Supletivo 1º. & 2º. Graus	6 -	6 70,5 %	6 29,5%	6 100,

				0%
Superior ou mais	7 -	7 90,3 %	7 9,7%	7 100,0%

0

1

QUADRO 12

ARRANJO FAMILIAR	NUNCA FREQUENTOU	FREQUENTA	JÁ FREQUENTOU E NÃO FREQUENTA
Casal com Filhos	61,0%	67,7%	53,5%
Casal com Filhos com Parentes	17,4%	15,2%	15,3%
Monoparental com Filhos	12,1%	11,9%	22,2%
Monoparental com Filhos com Parentes	9,5%	5,1%	8,9%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%

QUADRO 13

ARRANJO FAMILIAR	NUNCA FREQUENTOU	FREQUENTA	JÁ FREQUENTOU E NÃO FREQUENTA	TOTAL
Casal com Filhos	4,5%	61,0%	34,5%	100,0%
Casal com Filhos com Parentes	5,2%	55,1%	39,8%	100,0%
Monoparental com Filhos	3,4%	41,4%	55,2%	100,0%
Monoparental com Filhos com Parentes	6,3%	41,6%	52,1%	100,0%

QUADRO 14

NÚMERO DE FILHOS POR DOMICÍLIO	NUNCA FREQUENTOU	FREQUENTA	JÁ FREQUENTOU E NÃO FREQUENTA	TOTAL
1 Filho	0 4,0%	0 52,2%	0 43,8%	0 100,0%

2 Filhos	1 2,3%	1 57,0%	1 40,7%	1 100,0%
3 Filhos	2 3,2%	2 62,1%	2 34,8%	2 100,0%
4 Filhos	3 3,6%	3 53,9%	3 42,5%	3 100,0%
5 ou mais Filhos	4 9,1%	4 49,7%	4 41,2%	4 100,0%

0

1

QUADRO 15 – DOMICÍLIOS UNIFAMILIARES C/ 3 OU MAIS FILHOS

POSIÇÃO NA FRATRIA	NUNCA FREQUENTOU	FREQUENTA	JÁ FREQUENTOU E NÃO FREQUENTA	TOTAL
Primogênitos	0 4,6%	0 52,3%	0 43,1%	0 100,0%
Intermediários	1 5,3%	1 57,5%	1 37,2%	1 100,0%
Mais Novos	2 2,5%	2 67,8%	2 29,7%	2 100,0%

0

1

QUADRO 16 – POPULAÇÃO QUE FREQUENTA OU FREQUENTOU A ESCOLA

NÍVEL DE ESCOLARIDADE CONCLUÍDO COM APROVAÇÃO	FREQUENTA	JÁ FREQUENTOU E NÃO FREQUENTA
Nenhuma Série Completa	2,0%	5,3%
Elementar ou 1º. Ciclo do 1º. Grau Incompleto	12,0%	19,8%
Elementar ou 1º. Ciclo do 1º. Grau	6,4%	18,6%
Médio 1 ou 2º. Ciclo do 1º. Grau Incompleto	32,8%	20,7%
Médio 1 ou 2º. Ciclo do 1º. Grau	13,9%	8,6%
Médio 2 ou 2º. Grau Incompleto	17,6%	7,4%
Médio 2 ou 2º. Grau	6,6%	15,9%
Supletivo 1º. & 2º. Graus	2,6%	1,2%

Vestibular	0,3%	0,4%
Superior Incompleto	5,8%	1,4%
Superior Completo	-	0,8%
TOTAL	100,0%	100,0%

QUADRO 17 – POPULAÇÃO QUE FREQUENTA OU FREQUENTOU A ESCOLA

ANOS DE ESTUDO	FREQUENTA	JÁ FREQUENTOU E NÃO FREQUENTA
Até 3 Anos	11,0%	24,4%
De 4 a 8 Anos	53,9%	44,4%
De 9 a 11 Anos	29,2%	27,8%
Mais de 12 Anos	5,9%	3,4%
TOTAL	100,0%	100,0%

0

QUADRO 18 – POPULAÇÃO QUE FREQUENTA OU FREQUENTOU A ESCOLA

IDADE DO INÍCIO DA ESCOLARIZAÇÃO ¹¹	FREQUENTA	JÁ FREQUENTOU E NÃO FREQUENTA	TOTAL
Menos de 7 anos	0 64,1%	0 35,9%	0 100,0%
7 anos	1 57,1%	1 42,9%	1 100,0%
8 anos	2 53,0%	2 47,0%	2 100,0%
9 anos	3 56,2%	3 43,8%	3 100,0%
10 anos ou mais	4 66,0%	4 34,0%	4 100,0%

0

1

QUADRO 19 – POPULAÇÃO QUE FREQUENTA OU FREQUENTOU A ESCOLA

ATRASSO NA ESCOLARIZAÇÃO	FREQUENTA	JÁ FREQUENTOU E NÃO FREQUENTA	TOTAL
Sem Atraso	0 61,8%	0 38,2%	0 100,0%

0

¹¹ Considerou-se apenas a idade em que foi iniciado o elementar ou 1º. Ciclo do 1º. Grau.

Até 2 Anos de Atraso	1 58,9%	1 41,1 %	1 100,0%
3 ou mais Anos de Atraso	2 70,8%	2 29,2 %	2 100,0%

0
1

QUADRO 20 - POPULAÇÃO DE 15 A 25 ANOS QUE NÃO FREQUENTA MAIS A ESCOLA

ANOS DE ESTUDO	TOTAL	SEXO		COR/RAÇA	
		MASCULINO	FEMININO	BRANCA	NÃO-BRANCA
Até 3 anos	0 22,3 %	27,1%	20,0%	15,0%	34,1%
4 a 8 anos	1 45,6 %	47,0%	40,3%	44,9%	44,0%
9 a 11 anos	2 28,6 %	23,8%	34,3%	34,0%	21,5%
Mais de 12 anos	3 3,5 %	2,1%	5,5%	6,1%	0,4%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

QUADRO 21 - POPULAÇÃO DE 15 A 25 ANOS QUE NÃO FREQUENTA MAIS A ESCOLA

NÍVEL DE ESCOLARIDADE E ATRASO NA ESCOLARIZAÇÃO	TOTAL
Nenhuma Série Completa C/ 1 ou mais anos de escolarização	2,7%
Elementar ou 1º. Ciclo do 1º. Grau Incompleto Sem Atraso	9,2%
Elementar ou 1º. Ciclo do 1º. Grau Incompleto C/ 1 ou mais anos de Atraso	10,1%
Elementar ou 1º. Ciclo do 1º. Grau Sem Atraso	7,8%
Elementar ou 1º. Ciclo do 1º. Grau C/ 1 ou mais anos de Atraso	8,0%
Médio 1 ou 2º. Ciclo do 1º. Grau Incompleto Sem Atraso	8,7%
Médio 1 ou 2º. Ciclo do 1º. Grau Incompleto C/ 1 ou mais anos de Atraso	12,2%
Médio 1 ou 2º. Ciclo do 1º. Grau Sem Atraso	4,4%
Médio 1 ou 2º. Ciclo do 1º. Grau C/ 1 ou mais anos de Atraso	4,0%
Médio 2 ou 2º. Grau Incompleto Sem Atraso	3,4%
Médio 2 ou 2º. Grau Incompleto C/ 1 ou mais anos de Atraso	4,4%
Médio 2 ou 2º. Grau Sem Atraso	11,9%
Médio 2 ou 2º. Grau C/ 1 ou mais anos de Atraso	7,5%
Supletivo 1º. & 2º. Graus	1,2%
Vestibular em mais de 1 ano	0,8%
Superior Incompleto Sem Atraso	0,9%
Superior Incompleto C/ 1 ou mais anos de Atraso	0,6%
Superior Completo Sem Atraso	1,2%
Superior Completo C/ 1 ou mais anos de Atraso	0,8%
Pós-Graduação	0,2%
TOTAL	100,0%

QUADRO 22 - POPULAÇÃO DE 15 A 25 ANOS QUE NÃO FREQUENTA MAIS A ESCOLA

NÍVEL DE ESCOLARIDADE CONCLUÍDO COM APROVAÇÃO	INÍCIO C/ MENOS DE 7 ANOS	INÍCIO C/ 7 ANOS	INÍCIO COM 8 ANOS OU MAIS
Nenhuma Série Completa	-	0,2%	2,9%
Elementar ou 1º. Ciclo do 1º. Grau Incompleto	1,0%	5,4%	21,4%
Elementar ou 1º. Ciclo do 1º. Grau	0,5%	3,9%	12,0%
Médio 1 ou 2º. Ciclo do 1º. Grau Incompleto	19,4%	32,1%	39,3%
Médio 1 ou 2º. Ciclo do 1º. Grau	24,8%	19,5%	10,5%
Médio 2 ou 2º. Grau Incompleto	23,9%	24,6%	8,6%
Médio 2 ou 2º. Grau (incluindo vestibular)	6,0%	6,7%	0,6%
Supletivo 1º. & 2º. Graus	8,8%	2,0%	2,3%
Superior ou mais	15,6%	0,0%	2,0%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%

0

1

QUADRO 23 - POPULAÇÃO DE 15 A 25 ANOS QUE NÃO FREQUENTA MAIS A ESCOLA

NÍVEL DE ESCOLARIDADE CONCLUÍDO COM APROVAÇÃO	PAIS	MÃES
Nunca frequentou a escola	0 26,7%	0 26,6%
Nenhuma Série Completa	1 5,0%	1 3,3%
1º. Grau Incompleto	2 52,8%	2 56,8%
Médio 1 ou 2º. Ciclo do 1º. Grau	3 5,6%	3 4,0%
Médio 2 ou 2º. Grau Incompleto	4 1,7%	4 1,2%
Médio 2 ou 2º. Grau (incluindo vestibular)	5 5,0%	5 4,2%
Supletivo 1º. & 2º. Graus	6 0,4%	6 1,5%
Superior ou mais	7 2,8%	7 2,4%
TOTAL	100,0 %	100,0%

QUADRO 24 - POPULAÇÃO QUE NÃO FREQUENTA MAIS A ESCOLA

ARRANJO FAMILIAR	ANOS DE ESTUDO						TOTAL
	ATÉ 3	4 A 8	9 A 11	12 OU MAIS			
Casal c/ Filhos	24,6%	42,3%	29,5%	3,5%			100,0%
Monoparentais	23,9%	48,8%	24,2%	3,1%			100,0%
Outro Tipo	-	36,9%	63,1%	-			100,0%

QUADRO 25 - POPULAÇÃO QUE NÃO FREQUENTA MAIS A ESCOLA

POSICÃO NA FRATRIA	NÍVEL DE ESCOLARIDADE FINAL									
	NS ¹²	1º GRAU INCOMPLETO	1º GRAU	2º GRAU INCOMPLETO	2º GRAU	SUPLETIVO 1º & 2º G.	SUPERIOR OU MAIS	TOTAL		
Primogênicos	2,6%	55,2%	7,2%	9,9%	19,3%	1,6%	4,2%	100,0%		
Intermediários	5,0%	65,5%	6,1%	2,7%	18,4%	1,6%	0,7%	100,0%		
Mais Novos	11,5%	51,5%	7,2%	10,7%	16,3%	1,0%	1,7%	100,0%		

QUADRO 26 - POPULAÇÃO QUE NÃO FREQUENTA MAIS A ESCOLA

NÍVEL DE ESCOLARIDADE CONCLUÍDO COM APROVAÇÃO	SEXO	
	MASCULINO	FEMININO
Nenhuma Série Completa	5,3%	1,5%
1º. Grau Incompleto	59,1%	49,7%

0 _____

¹² Nenhuma Série Completa.¹³ Incluem-se aqui os que indicaram como escolaridade final concluída com aprovação o vestibular.

Médio 1 ou 2º. Ciclo do 1º. Grau	2 8,6%	2 7,8%
Médio 2 ou 2º. Grau Incompleto	3 7,4%	3 8,1%
Médio 2 ou 2º. Grau (incluindo vestibular)	4 16,2%	4 25,6%
Supletivo 1º. & 2º. Graus	5 1,2%	5 1,3%
Superior ou mais	6 2,2%	6 6,0%
TOTAL	100,0 %	100,0%

QUADRO 27 - POPULAÇÃO QUE NÃO FREQUENTA MAIS A ESCOLA

ATRASO NA ESCOLARIZAÇÃO	SEXO	
	MASCULINO	FEMININO
Sem Atraso	0 47,5%	0 50,7%
Até 2 Anos de Atraso	1 37,8%	1 42,7%
3 ou mais Anos de Atraso	2 14,8%	2 6,7%
TOTAL	100,0 %	100,0%

QUADRO 28 - POPULAÇÃO QUE NÃO FREQUENTA MAIS A ESCOLA

PORQUE NÃO FREQUENTA ESTABELECIMENTO DE ENSINO	SEXO	
	MASCULINO	FEMININO
Trabalha	0 34,6%	0 22,5%
Por Falta de Vaga	1 1,3%	1 3,6%
Não Existe Estabelecimento de Ensino	2 2,9%	2 5,3%
Concluiu Série	3 4,0%	3 11,3%
Dificuldades Financeiras	4 8,8%	4 12,3%
Não tem Interesse	5 37,4%	5 27,3%
Outros	6 11,0%	6 17,6%
TOTAL	100,0 %	100,0%